



Leigos evangelizadores e missionários a serviço do Povo de Deus: o Projeto Teologia Viva

Luiz Eustáquio dos Santos Nogueira

Em memória de Áurea Marin Burocchi e Ir. Romi Auth, fsp

Resumo: O artigo explora a visão de uma Igreja mais inclusiva e missionária, proposta pelo Papa Francisco desde o início de seu pontificado. Essa perspectiva se afasta dos modelos tradicionais e clericais, promovendo a sinodalidade e a missionariedade como respostas às demandas sociais e espirituais contemporâneas. A ideia central é de uma “Igreja em saída”, voltada para o encontro com aqueles à margem da sociedade, como os pobres e marginalizados. Nesse contexto, o protagonismo dos Leigos é essencial, convidando-os a uma participação ativa e responsável na missão da Igreja. Inspirado por intuições do Sínodo dos Leigos de 1987, convocado por São João Paulo II, o artigo destaca a importância da formação sólida dos leigos, capacitando-os para uma atuação consciente e efetiva na evangelização. Além disso, o texto aborda iniciativas práticas como o CEFAP (Centro de Formação de Agentes de Pastoral) e o Projeto Teologia Viva que, ao longo de seus anos de atuação, viabilizaram a formação teológica de Leigos na região metropolitana de Belo Horizonte e noutras regiões, incluindo a Amazônia e o norte de Minas Gerais. Essas iniciativas reforçam a necessidade de superar o clericalismo, promovendo uma colaboração efetiva entre Clero e Leigos, e destacam a urgência de uma evangelização que respeite as culturas locais e promova a justiça e o cuidado com a criação.

Palavras-Chave: Missionariedade; Igreja em saída; Protagonismo leigo; Evangelização; Projeto Teologia Viva; Formação teológica; Clericalismo; CEFAP

Abstract: The article explores the vision of a more inclusive and missionary Church, proposed by Pope Francis since the beginning of his pontificate. This perspective moves away from traditional and clerical models, promoting synodality and mission as responses to contemporary social and spiritual demands. The central idea is of a “Church that goes forth,” focused on reaching out to those on the margins of society, such as the poor and marginalized. In this context, the protagonism of the Laity is essential, inviting them to active and responsible participation in the Church’s mission. Inspired by the insights of the Synod of the Laity in 1987, convened by Saint John Paul II, the article highlights the importance of solid formation for the Laity, enabling them to act consciously and effectively in evangelization. Additionally, the text addresses practical initiatives such as CEFAP (Center for the Formation of Pastoral Agents) and the Teologia Viva Project which, throughout their years of activity, have made theological formation for Lay People possible in the metropolitan region of Belo Horizonte and other regions, including the Amazon and northern Minas Gerais. These initiatives reinforce the need to overcome clericalism, promoting effective collaboration between Clergy and Laity, and highlight the urgency of evangelization that respects local cultures and promotes justice and care for creation.

Keywords: Missionary nature; Church in mission; Lay protagonism; Evangelization; Project Living Theology; Theological formation; Clericalism; CEFAP

1 UMA IGREJA EM SAÍDA: O CONVITE DO PAPA FRANCISCO

O inesquecível Papa Francisco, desde o início de seu pontificado, trouxe-nos uma visão de Igreja que se afasta dos modelos tradicionais e clericais, convocando-nos, especialmente, ao exercício da sinodalidade e da missionariedade. Essa proposta é uma resposta às complexas realidades sociais e espirituais contemporâneas, que exigem uma Igreja menos centrada em si mesma e presa às suas estruturas hierárquicas não raro burocráticas, e mais samaritana e misericordiosa, pastoralmente sensível à inclusão social e ao diálogo nas mais variadas instâncias.

A ideia de uma “Igreja em saída” enfatiza a importância do encontro com o outro, especialmente com aqueles que se encontram à margem da sociedade, como os pobres, os marginalizados e os não praticantes. Conclama-nos, como Igreja, a ir ao encontro dessas realidades, promovendo uma pastoral que não se restrinja às paredes das paróquias, mas que busque transformar a sociedade através do amor e da solidariedade (FRANCISCO, 2013).

Nesse cenário, o protagonismo do laicato torna-se crucial. Ao lado dos Clérigos, os Leigos são chamados a assumir uma responsabilidade ativa na missão da Igreja. O convite do Papa à participação plena dos Leigos reconhece a diversidade de dons que cada membro da comunidade possui, enriquecendo a vivência da fé e a ação evangelizadora. Essa reconfiguração propõe uma Igreja que escuta, discerne e se mobiliza coletivamente, refletindo um modelo sinodal em que todos os fiéis têm voz e participação.

Além disso, a necessidade de evangelização e formação na Igreja atual torna-se cada vez mais evidente. Em um mundo marcado pela globalização e pelo relativismo, é fundamental que os fiéis recebam uma formação sólida, que os capacite a compreender e vivenciar sua fé de maneira crítica e engajada. A evangelização, nesse contexto, não se limita a um mero anúncio do Evangelho, mas implica uma genuína iniciação mistagógico-espiritual, que ajude os indivíduos a integrar a mensagem cristã em suas realidades cotidianas.

Assim, a missão se torna um caminho compartilhado, onde tanto Clérigos quanto Leigos colaboram na construção de uma Igreja mais próxima do Evangelho e atenta às necessidades do mundo. A visão do Papa Francisco, profundamente alicerçada na eclesiologia do Vaticano II, e revalidada agora pelo atual pontífice Leão XIV, nos convida, por conseguinte, a reimaginar o papel da Igreja na sociedade, promovendo uma experiência de fé mais inclusiva, dinâmica e comprometida com a transformação social, fundamentada em uma evangelização eficaz e em uma formação integral.

2 PROTAGONISMO MISSIONÁRIO DOS LEIGOS NO SÍNODO DE JOÃO PAULO II E O SURGIMENTO DO CEFAP

Tais “provocações” do Magistério atual evoca-nos intuições importantes nascidas no Sínodo dos Leigos, convocado por João Paulo II em 1987, marco significativo na reflexão sobre o papel do laicato na Igreja. Como é sabido, a celebração deste Sínodo buscou reconhecer

e valorizar a contribuição dos Leigos na missão evangelizadora e na vida da Igreja, enfatizando a necessidade de uma formação adequada que lhes permita atuar de forma efetiva e consciente.

Conforme menciona o Papa João Paulo II na exortação apostólica *Christifideles Laici*, “é necessário que os Leigos tenham uma formação sólida, que lhes permita viver a sua vocação no mundo, imbuídos de uma consciência crítica e comprometidos com a transformação social” (JOÃO PAULO II, 1988, n. 58). Este reconhecimento da importância da formação destaca a responsabilidade da Igreja em preparar os Leigos para o protagonismo missionário.

A formação do laicato deve abranger não apenas conhecimentos teológicos, mas também a vivência prática da fé em diversos contextos sociais e culturais. O próprio Sínodo, conforme sublinha Madeleine Delbrêl, filósofa e ativista, propõe que «a verdadeira espiritualidade leiga é aquela que se enraíza no meio cotidiano, nas relações, e que busca a santidade a partir do serviço ao próximo» (DELBREL, 2008, p. 112). Assim, o protagonismo missionário dos Leigos não deve ser visto apenas em ações dentro da Igreja, mas na capacidade de levar a mensagem cristã aos lugares muitas vezes negligenciados pela ação pastoral tradicional.

O reconhecimento do papel ativo dos Leigos está intrinsecamente ligado ao chamado à santidade voltado para todos os fiéis, conforme enfatiza o Concílio Vaticano II. A constituição pastoral *Gaudium et Spes* afirma que «é o dever de todos os fiéis, em qualquer estado e condição de vida, ser um sinal de influência evangélica no mundo» (GS n. 43). Portanto, a preparação para esse papel requer uma formação integral que abranja aspectos éticos, sociais e teológicos.

A articulação entre formação e ação missionária é essencial para que os Leigos se reconheçam como sujeitos da evangelização. Em sua análise, o teólogo José Maria Castillo defende que o laicato tem “a missão de ser a voz da Igreja em meio ao povo, e isso só será possível através de uma formação contínua e adequada” (CASTILLO, 2006, p. 200). Logo, a Igreja é chamada a criar espaços de formação que incentivem e capacitem os Leigos a assumir responsabilidades e a participar ativamente da missão da Igreja.

Neste contexto, no ano de 1988, Dom Serafim Fernandes de Araújo, arcebispo da Arquidiocese de Belo Horizonte, que havia proferido no Sínodo dos Leigos uma pequena locução sobre a importância da formação do laicato para sua edificação na fé e para a obra da evangelização, solicitou que um jovem presbítero de seu rebanho coordenasse uma iniciativa formativa mais sólida, específica para os Leigos, em âmbito arquidiocesano, devido, na ocasião, a uma carência de iniciativas desse quilate em Belo Horizonte. Alguns meses mais tarde, em março de 1989, foi criado o CEFAP (Centro de Formação de Agentes de Pastoral) pelo Pe. Luiz Eustáquio dos Santos Nogueira, que teve uma vida longa e profícua por quase 35 anos, vindo a ser desativado em meados de 2014.

O CEFAP esteve sediado inicialmente no Colégio Santa Maria, no bairro Floresta, mas a partir de 1991, fixou-se definitivamente nas instalações do Instituto Dom João Resende

Costa, hoje incorporado à PUC-Minas. Como sua própria sigla indica, o CEFAP foi estabelecido com o intuito de se tornar o órgão oficial de formação e capacitação de agentes de Pastoral na Arquidiocese. Tendo como público-alvo Leigos advindos de todas as classes sociais, boa parte deles veio com titulação universitária. Embora pensado inicialmente para atender especialmente às Paróquias, qualificando suas lideranças para o serviço da evangelização, o CEFAP logo se abriu para acolher quaisquer candidatos desejosos de aprofundar ou requalificar suas convicções humanistas e cristãs de fé, através de um diálogo fecundo entre teologia, cultura e ciências humanas em geral.

Desde os seus inícios, o carro-chefe do CEFAP foi o Curso Básico de Teologia, além de outras iniciativas como o Curso Intensivo de Teologia (CIT) realizado nos meses de janeiro. Com duração de quatro semestres, duas noites semanais, o Curso Básico teve como intuito oferecer os eixos epistemológicos centrais da fé cristã, numa perspectiva dialógica com a cultura atual. Os assessores do curso, Clérigos, Leigas e Leigos, todos pós-graduados, originavam-se, em sua maioria, dos quadros da PUC Minas. Após o término do Curso Básico de Teologia, os alunos já formados eram motivados a dar prosseguimento a seus estudos no Curso de Aprofundamento. Por quase vinte anos, através de disciplinas isoladas as mais diversas, os doravante “amigos do CEFAP” puderam aperfeiçoar-se em conhecimentos oriundos de diversas áreas: Teologia, Sagradas Escrituras, Moral, Ética, Política, Psicologia, Espiritualidade, Liturgia, Pastoral, e outras mais. Passaram por esses cursos exímios professores, alguns deles conhecidos mestres jesuítas.

3 O PROJETO TEOLOGIA VIVA

Para atender a uma demanda crescente por descentralização da formação, estrategicamente mais acessível às bases, foi constituído, a partir de 2006, o Projeto Teologia Viva. Sob a regência do CEFAP, agregando a si algumas parcerias – de modo particular o Serviço de Animação Bíblica (SAB) das Irmãs Paulinas – a nova iniciativa açambarcou, em seus primórdios, um grupo amplo de monitores Leigos, em sua maioria egressos do Curso Básico de Teologia e também dos cursos do SAB, os quais, repartidos por variados núcleos formativos, faziam expandir com entusiasmo missionário o seu conhecimento adquirido. Destarte, o CEFAP passou a realizar seu objetivo mais nobre: formar evangelizadores, ou seja, Leigos evangelizando Leigos!

Ver o protagonismo dos Leigos na evangelização fora sempre a maior ideiação do CEFAP. O Projeto Teologia Viva concretizou esse sonho, ressaltando o que fora afirmado pelo Documento 105 da CNBB, Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na sociedade: os Leigos são “sujeitos eclesiais” e não apenas colaboradores do clero (CNBB, 2016, n.119). Essa compreensão implica o reconhecimento de seu protagonismo missionário nos ambientes seculares e no interno da própria Igreja.

De forma dinâmica, participativa e descentralizada, o “Teologia Viva” deu início à sua ousada atuação em dez centros geográficos distintos, escolhidos estrategicamente em toda a

região metropolitana de Belo Horizonte. Além da Capital, marcou sua revigorante presença em Betim, Contagem, Lagoa Santa, Pedro Leopoldo, Ribeirão das Neves e Santa Luzia. Dezenas de Leigos, de cinco a sete monitores por núcleo, liderados por um monitor-âncora, por sua vez amparado por uma equipe de coordenação central com a qual se reunia mensalmente, propiciaram uma formação bíblico-teológica fundamental de qualidade para centenas e centenas de alunos. A formação fora organizada para três anos, seis ciclos semestrais, com duas horas de encontro semanais ou com a variante de quatro horas semanais, num ritmo quinzenal. Para a consecução prática do curso, foram desdobrados dezesseis módulos, subsidiados por seis cadernos editados pela FUMARC, elaborados e continuamente revisados por uma comissão especial do CEFAP, adquiridos pelos alunos por um preço de custo bem acessível.

O Projeto Teologia Viva, no âmbito interno da Arquidiocese de Belo Horizonte, exerceu uma intensa atividade por quinze anos, vindo a desmobilizar-se no período da epidemia do Covid. Dezenas de núcleos foram gestados ao longo deste período, milhares de fiéis beneficiados pela heroica dedicação de Leigos evangelizadores abnegados e resilientes. Quando se pensa nas dificuldades enfrentadas pelas equipes de trabalho, as longas distâncias nos deslocamentos feitos em uma região metropolitana marcada por um trânsito intenso, especialmente durante a hora do rush... Trabalhando quase de graça, essas equipes dependiam da boa vontade das paróquias e foranias para a contribuição necessária ao custeio da locomoção. No entanto, essa ajuda nem sempre lhes fora garantida, e nem por isso deixaram de honrar com o compromisso assumido, por semanas, meses e anos a fio. As dependências disponibilizadas para os encontros nem sempre eram as mais condizentes. A falta de sanitários adequados para os alunos e os próprios monitores foi motivo de estresse para muitos em algumas realidades.

Alguns Presbíteros, responsáveis pelo acolhimento das equipes de formação, não mediram esforços para tornar a experiência benfazeja, motivando e apoiando os trabalhos desenvolvidos no núcleo. Mas, infelizmente, o mesmo não se verificou em outros núcleos, o que exigiu das equipes uma dose extra de empenho e autodeterminação. Abre-se aqui uma brecha para uma pequena reflexão sobre o clericalismo na Igreja Católica, e seu impacto na desmobilização do Laicato em seu protagonismo na ação evangelizadora.

4 O CLERICALISMO E O COMPROMETIMENTO DO PROTAGONISMO DOS LEIGOS

O fenômeno do clericalismo, entendido como a centralização das funções religiosas e a preponderância do clero na vida da Igreja, tem gerado uma significativa marginalização do protagonismo dos Leigos na ação evangelizadora. Nas palavras de Agenor Brighenti, “o clericalismo é uma das mais graves distorções da vida eclesial, pois impede que o Laicato exerça plenamente sua vocação e missão na Igreja e no mundo” (BRIGHENTI, 2017, p. 67). Esta problemática é particularmente evidente quando se observa

a falta de interesse por parte de muitos padres em promover a formação adequada dos Leigos, comprometendo, assim, a eficácia da missão evangelizadora da Igreja.

A Igreja Católica, em sua essência, é considerada um corpo místico onde todos os fiéis, independentemente de seu estado vocacional, são chamados a participar ativamente na evangelização. Contudo, o clericalismo tende a criar uma dicotomia entre clero e Leigos, onde a voz dos sacerdotes é a única ou predominantemente ouvida. Como destacou o teólogo Gustavo Gutiérrez (2011), essa hierarquização excessiva pode levar à cegueira diante das capacidades e carismas que os Leigos possuem, os quais são essenciais para a missão da Igreja.

Adicionalmente, o desinteresse de muitos padres em relação à formação do Laicato se reflete na escassez de programas que promovam um verdadeiro engajamento laical na vida da paróquia. Estudos indicam que um número significativo de padres se concentra em suas funções litúrgicas, negligenciando o desenvolvimento de iniciativas formativas que incluam os Leigos em papéis de liderança e responsabilidade. Essa falta de entusiasmo se traduz não apenas em uma diminuição da valorização do Laicato, mas também em um empobrecimento da prática evangelizadora da comunidade (cf. PEREIRA, 2019).

A promoção do Laicato na ação evangelizadora deve ser uma prioridade para a Igreja contemporânea. O Concílio Vaticano II já havia sinalizado a importância do papel dos Leigos na missão evangelizadora, mas a prática ainda está aquém do ideal sugerido. É essencial que os líderes eclesiais reconheçam e promovam a interdependência entre clero e Leigos, buscando um modelo de colaboração que valorize as contribuições de todos os membros da Igreja.

Portanto, a superação do clericalismo é uma urgência pastoral, que exige um comprometimento efetivo dos padres para com a formação contínua dos Leigos. Com uma Igreja mais inclusiva e participativa, onde o clero e os Leigos atuem como parceiros na evangelização, será possível renovar a vitalidade da missão da Igreja, promovendo uma comunhão mais profunda entre todos os seus membros.

5 UM NOVO ARDOR MISSIONÁRIO: O TEOLOGIA VIVA EM MISSÃO

O Projeto Teologia Viva, como anteriormente apresentado, nasceu com este propósito específico de oferecer uma formação bíblico-teológica-pastoral mais consistente do que os habituais cursos catequéticos para as comunidades eclesiais da Arquidiocese de Belo Horizonte. Mas, esporadicamente, outros núcleos formativos foram constituídos além das fronteiras metropolitanas, em algumas dioceses próximas. Sublinhe-se aqui as experiências realizadas em Oliveira, nos anos de 2008 e 2009, Campo Belo e Arcos, nos anos de 2009 e 2010.

Este impulso missionário deu novo élan e estímulo aos monitores do “Teologia Viva”. Tal élan refere-se à paixão e fervorosa dedicação que nós cristãos sentimos ao compartilhar a fé e levar a mensagem do Evangelho a outros mais distantes. Esse entusiasmo missionário é alimentado pelo amor a Deus e ao próximo, inspirado pela compreensão de que a mensagem

de Cristo é transformadora e fomentadora de esperança. “Portanto, ide e fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a observar todas as coisas que vos tenho mandado. E eis que estou convosco todos os dias, até a consumação do século” (Mt 28,19s), exortou Jesus. O élan missionário faz-se fonte de um renovado entusiasmo, pois proporciona um propósito maior, instiga um senso de pertencimento à missão de Deus e gera alegria ao ver vidas sendo impactadas positivamente (PANAZZOLO, 2004).

Mas o marco decisivo desta virada de chave no Projeto Teologia Viva, a conferir-lhe um senso identitário forte de se tratar de uma ação missionária aconteceu em 2007, por ocasião da Campanha da Fraternidade promovida pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), cujo tema “Fraternidade e Amazônia” trouxe o lema “Vida e Missão neste chão”. O objetivo da campanha era fomentar a reflexão e o engajamento na defesa da Amazônia e dos seus povos. Nesta ocasião, a teóloga Aurea Marin Burocchi, secretária do Projeto Teologia Viva, que por vinte anos havia sido membro do instituto religioso Comunidade Missionária de Villaregia, teve a intuição de que o “Teologia Viva” pudesse, em nome da Igreja de Belo Horizonte, chegar à Amazônia, em atenção ao clamor nascido da Campanha. Levou a ideia ao coordenador Pe. Luiz Eustáquio o qual, bastante empolgado com a proposta, percebendo ali um chamado do Espírito, e contando com o aval de vários membros do Projeto, deu com ela o primeiro passo para a viabilização do novo sonho missionário: aproximar-se da coordenação pastoral da CF junto à CNBB.

Irmã Cecília de Oliveira, religiosa da Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, figura importante dentro da CNBB, especialmente conhecida por seu trabalho voltado à Amazônia e à formação de lideranças, era uma pessoa próxima ao arcebispo de Belo Horizonte Dom Walmor de Oliveira Azevedo. Uma comissão do “Teologia Viva” achegou-se ao seu arcebispo pedindo-lhe que intermediasse, junto à Irmã Cecília, um acordo de colaboração missionária com algumas Igrejas da Amazônia. A aceitação de Irmã Cecília ao oferecimento feito foi imediato. Palavras emocionadas da religiosa missionária à professora Áurea ao telefone: “Vocês serão o fruto de Deus mais precioso desta Campanha para a Amazônia!”

A Amazônia, hoje, é um espaço onde a presença missionária se torna não apenas necessária, mas urgentemente necessária. Evangelizar esta região envolve anunciar Jesus Cristo em sua plenitude, promovendo a dignidade humana, a justiça e o cuidado com a criação. A região é marcada pela diversidade de sua biodiversidade e pela multiplicidade de povos, incluindo indígenas, ribeirinhos, quilombolas e migrantes, que preservam modos de vida únicos, mas enfrentam graves desafios, como o abandono estrutural, a pobreza e a exploração predatória, além de constantes ameaças à sua cultura e território.

Nesse contexto, a missão evangelizadora não pode ser vista apenas como um ato doutrinar. Ela deve assumir uma forma de presença solidária e encarnada, que partilha a vida do povo, sustenta a fé e promove a esperança. O missionário, nesta vocação, se torna um

sinal da compaixão de Cristo e da maternidade da Igreja. Ele é um instrumento de Deus que celebra a fé, forma lideranças locais, promove educação e saúde básica e defende os direitos humanos e os bens da criação. Em muitas comunidades amazônicas, o missionário é o único representante regular da Igreja, evidenciando a necessidade de mais vocações e uma maior solidariedade missionária entre as dioceses.

A urgência missionária é reflexo do isolamento geográfico e humano que algumas comunidades enfrentam, passando meses sem acesso a serviços pastorais. Essa ausência prolongada fragiliza a vida da fé e abre espaço para interpretações religiosas distorcidas ou opressivas. Além disso, as pressões externas, como a expansão do garimpo ilegal, da grilagem de terras e do narcotráfico, ameaçam diretamente os povos originários. Assim, a presença missionária também se torna uma forma de resistência profética. É fundamental promover uma evangelização que respeite a cultura e a espiritualidade dos povos amazônicos, valorizando seus saberes e modos de vida, conforme proposto pelo Papa Francisco no Documento Final do Sínodo da Amazônia (Sínodo dos Bispos, 2019).

O Sínodo Especial para a Região Pan-Amazônica, convocado pelo Papa Francisco, foi um marco histórico ao enfatizar o compromisso da Igreja de ser encarnada na realidade do povo, profética na denúncia das injustiças, samaritana na escuta e acolhida do outro, e ecumênica e sinodal, promovendo o diálogo e a corresponsabilidade. O Papa afirma que “a evangelização na Amazônia não pode prescindir de uma ecologia integral”, onde fé, justiça e cuidado com a criação caminham juntos (FRANCISCO, 2020).

Para que a missão na Amazônia seja eficaz, a Igreja é chamada a investir na formação de missionários e agentes locais com preparo teológico e intercultural. Além disso, é essencial promover diálogos e cooperação entre dioceses, estimular a missão leiga e o voluntariado, especialmente entre os jovens, e utilizar a tecnologia de forma criativa para formação à distância e fortalecimento da comunicação pastoral. É necessário viver uma espiritualidade do cuidado, ancorada na encíclica *Laudato Si'*, onde o amor à natureza se torna uma expressão concreta do amor a Deus (FRANCISCO, 2015).

A missão evangelizadora na Amazônia é, portanto, um campo fértil e desafiador. A urgência que vivemos não é apenas geográfica, mas também espiritual: é o chamado de Cristo para que sua Igreja não se acomode e busque o encontro com aqueles que mais precisam. Como disse o Papa Francisco, precisamos sonhar com uma Igreja missionária, com um rosto amazônico, uma Igreja que anuncia, serve e se entrega: “Que o Espírito Santo continue a suscitar corações generosos e mãos dispostas a semear o Evangelho no coração da floresta e de seus povos” (FRANCISCO, 2020).

5.1 INCURSÕES MISSIONÁRIAS DO “TEOLOGIA VIVA” NA AMAZÔNIA

Como que antecipando este apelo urgencial por iniciativas missionárias de formação junto ao povo amazônico, o Projeto Teologia Viva se pôs a caminho. Após uma série de conversações e contatos feitos, foi acordado para janeiro de 2008 o ponto de partida para uma

ampla investida missionária das equipes do “Teologia Viva” na região amazônica, que se estendeu até o ano de 2016. Contando com o imprescindível aval financeiro da Arquidiocese de Belo Horizonte, deu-se início a sucessivas incursões formativas em variadas localidades das Dioceses de Tabatinga (AM), Humaitá (AM), Macapá (AP) e Prelazia de Coari (AM), num esforço corajoso de adaptação do currículo original do Projeto às necessidades locais de cada Igreja.

Para essa ousada empreitada, o CEFAP contou com a generosa colaboração de vários membros do Projeto Teologia Viva, já atuantes em Belo Horizonte, que se revezavam ao longo do tempo. As missões aconteciam nas férias de janeiro e julho, em jornadas formativas que variavam de 7 a 18 dias, beneficiando várias centenas de pessoas, em sua maioria, agentes de pastoral de todas as idades. De 2008 até 2016, a presença do “Teologia Viva” se fez marcante em Macapá. Foi a mais frutuosa de todas as missões realizadas.

Nas sucessivas missões em Macapá, a equipe oficial do “Teologia Viva” contou eventualmente com a participação de alguns Padres professores e Seminaristas. Com o incentivo caloroso de Dom Pedro José Conti, bispo local, o “Teologia Viva” promoveu três ciclos completos de formação, cada ciclo envolvendo três turmas, com a duração de três anos de curso, para que se completassem os 16 módulos. O desejo do Bispo era de que todos os Agentes de Pastoral do Amapá, das cidades, das comunidades ribeirinhas e das ilhas mais distantes, participassem da formação. Concomitantemente à realização do terceiro ciclo, foi oferecido a um grupo de ex-alunos do “Teologia Viva” de Amapá um curso extra de aprofundamento para que pudessem dar continuidade ao Projeto, quando do desligamento dos missionários de Belo Horizonte.

Além de Dom Pedro, Irmã Isidora de Jesus, da Congregação de Maria Menina, teve um papel importantíssimo na articulação e sustentação do Projeto Teologia Viva, desde o começo de sua atuação, na Diocese de Amapá. Religiosa carismática, dedicada, grande líder, além de incentivar os nativos à participação, fez-se extremamente acolhedora das equipes missionárias que se hospedavam, regularmente, no Centro Pastoral Diocesano. Promovia sempre aos domingos pela tarde, único período de descanso das equipes, bucólicas visitas à população local, especialmente a famílias ribeirinhas do Rio Amazonas, com direito à travessia radical em pequena embarcação (catraia), surpreendida por turbulentas ondas... Experiências inesquecíveis!

Especialmente as primeiras levadas missionárias, realizadas nos meses de janeiro e julho de 2008, impactaram sobremaneira as equipes do “Teologia Viva”. Além da novidade de terem sido a primeira experiência fora do Estado de Minas e em solo amazônico, foram as mais exigentes e penosas, de um ponto de vista logístico. Os missionários que se aventuram na região amazônica, como bem se sabe, enfrentam uma série de desafios que testam não apenas sua determinação, mas também sua resiliência. As longas travessias em barcos desconfortáveis, onde o balanço das águas pode ser incômodo, se estendem por dias, exigindo paciência e um espírito de adaptação. O calor escaldante da floresta é implacável, frequentemente

exacerbado por nuvens de mosquitos que transformam cada instante ao ar livre em um verdadeiro teste.

A alimentação, muitas vezes, é composta por iguarias exóticas que fogem do habitual, desafiando o paladar e a digestão. Mesmo os alimentos mais simples podem ser escassos, o que torna ainda mais desafiadora a experiência. As acomodações, em geral, são rústicas e, por vezes, pouco higiênicas, onde a privacidade e o conforto se tornam quase um luxo. A escassez de água potável e mesmo de água para o banho agrava a situação, forçando os missionários a buscar soluções em um ambiente onde os recursos são limitados.

Apesar destas dificuldades, do estresse das longas travessias, das horas de espera nos aeroportos devido aos frequentes atrasos aéreos, das noites mal dormidas em voos feitos pela madrugada, para a contenção dos custos, as equipes missionárias não se esmoreceram jamais. Regressavam das missões a Belo Horizonte sempre muito entusiasmadas e desejosas de um novo retorno. E essa promessa se cumpriu invariavelmente. Houve monitores do “Teologia Viva” que participaram das incursões na Amazônia mais de sete vezes!

Na maior parte do seu tempo, as equipes do “Teologia Viva” estiveram concentradas em salões comunitários, engajados na transmissão dos conteúdos formativos. Em raras ocasiões, puderam visitar algumas aldeias indígenas marginais às cidades onde estavam domiciliados. Contataram realidades de muita indigência e precariedade social. As palafitas da periferia de Macapá foram também alvo de visitas, e consternaram bastante os missionários. Mas houve igualmente experiências jubilosas e amistosas de encontro, onde puderam sentir todo o calor humano e o espírito alegre e hospitaleiro do povo amazônico.

Dignas de nota foram as celebrações de encerramento de cada período modular e mais especialmente de cada ciclo de três anos completados. Quanta comoção! Os cursistas eram unânimes em reconhecer o elevado valor da jornada percorrida e não poupavam palavras de agradecimento e reconhecimento aos abnegados monitores missionários do “Teologia Viva” e à sua coordenação. Por vezes o bispo local escrevera uma pequena mensagem de agradecimento à Arquidiocese de Belo Horizonte, dirigida ao seu Pastor, enaltecendo a grandeza de tão profícua parceria entre Igrejas irmãs.

5.2 INCURSÕES MISSIONÁRIAS DO “TEOLOGIA VIVA” NO NORTE DE MINAS E NO VALE DO JEQUITINHONHA E SEU MOMENTO ATUAL

Após as experiências realizadas em Oliveira, Arcos e Campo Belo, o Projeto Teologia Viva descortinou outro solo fértil de atuação formativo-missionária: o norte de Minas Gerais e o Vale do Jequitinhonha. Em janeiro de 2010, iniciou-se um ciclo formativo em Bocaiúva. A partir de julho do mesmo ano, várias incursões do “Teologia Viva” vieram a se suceder na Diocese de Araçuaí. Nas cidades de Novo Cruzeiro e Araçuaí foram quatro ciclos completos até janeiro de 2020. Algumas turmas foram conduzidas concomitantemente a outras ainda em curso. Em Medina aconteceu uma formação de setembro de 2017 a dezembro de 2018. De setembro de 2018 a dezembro de 2019, duas formações foram oferecidas, uma em

Itaobim e outra em Pedra Azul. Ambas foram interrompidas no período da pandemia. Além da proposta curricular dos Cadernos do “Teologia Viva”, outros cursos de aprofundamento e algumas lives também foram ministrados pelos monitores do Projeto, levando-se em conta algumas demandas locais.

O advento da pandemia do Covid-19 em março de 2020 obrigou o Projeto Teologia Viva a interromper suas atividades, por ao menos dois anos completos. Em 2022 foram retomadas e concluídas as formações em Itaobim e Pedra Azul. Neste mesmo ano, em Belo Horizonte, iniciou-se uma nova turma na Paróquia Nossa Senhora do Pilar, vindo a concluir seu itinerário em finais de 2024. Nos inícios de 2023, formou-se outro grupo na cidade de Morro do Pilar, na diocese de Guanhães, com encontros mensais, com previsão de conclusão em 2025.

Em 2025, abriu-se uma formação em Turmalina, na diocese de Araçuaí. Há um início de tratativas para ser constituída nova turma nesta mesma diocese em Virgem da Lapa. Em Belo Horizonte, nenhuma demanda nova até o presente. Percebe-se, no atual momento eclesial, pouco compromisso com estas questões formativas. O próprio Laicato se encontra bastante desarticulado ou paralisado por versões reacionárias da fé, a desestimular os estudos bíblicos e teológicos, vistos como refratários à ortodoxia tradicional. O CEFAP, como instituição, foi desfeito em 2024 e até o momento não há nenhuma perspectiva na Arquidiocese de Belo Horizonte de se recompor uma instância oficial que estruture e sustente a formação do Laicato. Tal missão hoje é assumida por outras entidades como o Centro Loyola de Cultura e Fé, mantido pela Companhia de Jesus, e o Curso de Iniciação Teológico-Pastoral (CITEP), surgido quase na mesma época, oferecido por alunos/as voluntários da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, sem contar as iniciativas similares oferecidas pelos Franciscanos em suas paróquias na Arquidiocese.

5.3 DEPOIMENTOS DE ALGUNS MEMBROS DO PROJETO TEOLOGIA VIVA

A seguir, serão apresentados depoimentos de membros do CEFAP empenhados no “Teologia Viva”, compartilhando o impacto profundo que suas experiências missionárias tiveram em suas vidas. Eles refletirão sobre os aprendizados adquiridos, o significado dessas vivências e aspectos importantes que merecem destaque. Também discutirão como essas experiências contribuíram para o crescimento de sua fé e para o fortalecimento de seu senso de pertencimento eclesial. Esses relatos oferecem uma visão rica e inspiradora do caminho percorrido por cada um deles. Completando os depoimentos, um casal, ex- alunos do “Teologia Viva”, faz um balanço da experiência que viveu em Belo Horizonte.

“O convite para participar da formação no CEFAP representou a continuidade das experiências de fé que vivi em minha comunidade e nos serviços pastorais da Igreja. Os conhecimentos adquiridos ampliaram minha percepção sobre a ação de Deus na vida das pessoas, especialmente quando unidas em um mesmo propósito de servir aos

necessitados. Ao concluir o CEFAP, percebi que, na verdade, estava começando uma importante missão, guiada por Deus, no serviço da Igreja. Isso me levou a integrar o Projeto Teologia Viva, mergulhando em novos aprendizados que me transformaram e me permitiram compartilhar a Palavra de Deus com aqueles que ainda não a conheciam. Estarei sempre disposta a apoiar a equipe do “Teologia Viva” nesse projeto valioso e contínuo” (Nazarina de Oliveira).

“O CEFAP e, posteriormente, o Projeto Teologia Viva, marcaram meu retorno ao convívio em uma comunidade paroquial. Quando o Papa Francisco falava de uma Igreja em saída, sinodal, em missão, eu pensava: era isso que idealizávamos com o Projeto Teologia Viva. De todas as minhas experiências, o que mais me marcou foi o que vivi em Novo Cruzeiro. Novo Cruzeiro me fez perceber uma Igreja viva, coração pulsante e comunidade carente da Palavra e da Missão. Lá realmente eu senti a necessidade de participar novamente de uma comunidade paroquial, de onde estava afastada há alguns anos” (Juliana Perez).

“Vinde e farei de vós pescadores de homens’ (Mc 1,16ss). Eu disse SIM e me abri a uma aventura de viver, pregar e testemunhar a Palavra. É missão da Igreja e necessidade do cristão, anunciar a Palavra de Deus. Neste Ano Jubilar de alegria e esperança, eu preciso rever com mais profundidade e nitidez a minha ação missionária, avaliar e colocar em comum as lições aprendidas. Sem buscar mérito, sem olhar para trás a não ser para avaliar o caminho percorrido, procurei apenas viver o meu testemunho com proximidade, paixão, com a força do Espírito Santo, que tem sido e é o protagonista sempre presente nos trabalhos missionários. Os desafios não faltaram, foram muitos e grandes, e frente a eles fui chamada a ser forte e corajosa. Os valores cristãos, a fé e o amor me fizeram, e me fazem assumir o exercício da prática da justiça, da caridade, do diálogo, de manter uma atitude respeitosa, uma escuta atenta, uma disponibilidade solidária (o trabalho é sempre coletivo) e uma capacidade de me desinstalar, saindo do comodismo para viver a realidade dos diversos locais por onde passo, para ser fiel ao compromisso assumido. Os desafios de transporte fluvial para as comunidades ribeirinhas do Amazonas, escassez de água potável, insetos e mosquitos, calor intenso, poucos padres, muitas igrejas evangélicas, lidar com a situação de pobreza local e falta de compromissos dos administradores públicos, tudo isso foram situações com as quais convivemos; porém um povo comprometido, vindo de comunidades e cidades ribeirinhas distantes e de difícil acesso, presença maciça em todas as etapas.

“No norte de Minas e Vale do Jequitinhonha as dificuldades não foram menores, foram diferentes: calor intenso, diocese muito grande em extensão geográfica com estradas ruins, muita influência de televisão e redes sociais, onde existem pessoas que passam por evangelizadores sem compromisso com a fé, com o amor e a unidade da Igreja. Em contrapartida nota-se ali grande interesse dos padres e bispos (Dom Marcelo e Dom Esmeraldo) pela formação dos fiéis, respeito pelo Projeto Teologia Viva, boa acolhida aos monitores e uma relação fraterna. Procurei servir com alegria, enxerguei a presença de Deus naquelas realidades de pessoas simples e pouco alfabetizadas, porém de uma fé inabalável, uma vida de oração e uma grande confiança. Aprendi com eles e renovei a minha fé, busco uma conversão diária, tentando me transformar interior e espiritualmente, vivi a experiência partilhada com os companheiros, aprendi mais do que ensinei, cresci através da troca e busca de conhecimentos. Estou cada vez mais sendo atraída pela profundidade da Palavra e adquiri uma visão mais clara do meu propósito de vida, tomando consciência da razão da minha alegria e esperança” (Maria Célia Sant’Ana).

“Tudo começou com um convite feito pelo Padre Luiz Eustáquio ao término do Curso Básico de Teologia do CEFAP. Foi quando decidi que eu iria, sem saber como tudo aconteceria, pois coincidia com as minhas férias, onde sempre passeava com a minha família. Recebi o apoio dos familiares e segui em missão com mais dois colegas, Vicente e Geovanni. Fomos para uma cidade chamada Afuá, na ilha de Marajó, na comunidade de Nossa Senhora da Conceição. Encontramo-nos lá com Frei Cleyton e Frei Manuel, ambos espanhóis. Ali permanecemos durante uma semana, levando uma palavra daquilo que aprendemos no curso de Teologia. Daí partimos para as comunidades ribeirinhas em um grande barco missionário pelas caudalosas águas do Amazonas. Viajávamos durante a noite; pela manhã, ancorávamos na comunidade. Já na primeira noite de travessia do grande rio, o barco balançou de tal maneira que as panelas foram todas lançadas ao chão. As águas entravam no convés e tivemos medo de morte. Pusemos a cantar ‘Segura nas mãos de Deus’, até que, passadas algumas horas, tudo se acalmou. Chegamos à primeira comunidade de dez a serem visitadas. O número de crianças era maior que o de adultos, pois era época de férias e cada mãe que se aproximava trazia-nos quatro filhos, entre 3 e 10 anos de idade. Enfim, tivemos que nos adequar. Enquanto eu catequizava e entretinha as crianças, em outro local meus dois companheiros evangelizavam os adultos. Ficamos por dez dias sem comunicação com o resto do mundo, mas

graças a Deus e com a força do Espírito Santo, cumprimos a missão. Hoje, passados 16 anos, penso como aquelas crianças se tornaram adultas. Espero que uma palavra ali deixada possa ter contribuído na formação de boas pessoas. Essa missão, sem dúvida, marcou a minha vida para sempre” (Carlos Mariano).

“Participo da Teologia Viva desde 2006, quando ainda estava em formação no CEFAP. Atuei em diversos grupos pela Região Metropolitana de Belo Horizonte e também no sul e norte de Minas Gerais. Ali na Diocese de Araçuaí, vivi momentos marcantes com pessoas humildes, mas acolhedoras e sedentas pelo conhecimento das Escrituras. Sempre retornava de lá com o desejo de voltar. Também participei de missões em Macapá e Tabatinga, cidade às margens do rio Solimões, na fronteira com Colômbia e Peru. Lá, aprendi muito com a diversidade cultural e linguística, convivendo com pessoas que viajavam dias para participar. Visitamos um bairro indígena periférico, onde o abandono e a exclusão eram visíveis. Os indígenas viviam isolados em um bairro periférico, expulsos de suas terras e esquecidos pela sociedade local. Suas casas eram simples, eles permaneciam sentados nas portas, com rostos pintados, mas visivelmente abatidos. As crianças brincavam em uma lagoa lamacenta, tendo perdido o acesso ao rio e à mata, símbolos de sua identidade. Saí profundamente tocada e entristecida com a situação deles. Em todo esse tempo, procurei servir com alegria e senti o Espírito Santo sempre me guiando. Foi um período de grande crescimento humano e espiritual. Ainda hoje me coloco a serviço de novas missões” (Maria Antônia Silveira).

“Projeto Teologia Viva, um projeto audacioso que foi, e continua sendo uma alegria em minha vida. Servir ao projeto de Jesus de Nazaré, que alimenta a esperança, faz crescer a fé, dá ânimo à caminhada de cada cristão/ã. Pertencer a esse grupo ‘Teologia Viva’ e trabalhar juntos é uma realização. Dá sentido à vida. Estava terminando o curso de Teologia na FAJE (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia), e comecei a fazer a experiência da missão de partilhar experiências de encontro com Jesus Cristo, levando o anúncio da Palavra para diversos povos, em diversos lugares. O aprofundamento do estudo bíblico-teológico com as pessoas participantes da formação, numa linguagem apropriada às diversas culturas, possibilitou a muitas pessoas crescerem e amadurecerem na fé, tornando-se líderes nas pastorais de suas paróquias, expandindo, assim, sua participação efetiva nas comunidades. Juntos, crescemos e amadurecemos com a transmissão da fé cristã católica. Perceber esse chamado de Deus e responder a Ele, na certeza de que ajudamos muitas pessoas a também

fazer essa experiência de encontro pessoal com Jesus, conhecendo-o melhor, sempre me proporciona muita alegria” (Neuza Silveira).

“Comecei a colaborar com o ‘Teologia Viva’ sob a influência de nossa querida Altair e sob o apoio de Maria Antônia, Maria Célia e Áurea em 2017. Inicialmente ajudei no processo formativo da paróquia são Pio X em Belo Horizonte. E depois dessa experiência reconheço que foi amor desde o primeiro momento. Que alegria poder renovar a experiência de fé comunitariamente, sabendo ‘dar razão de nossa fé e esperança’ (1Pd 3,15). Ser servidor e poder compartilhar, pedagogicamente, os ensinamentos teológicos trazidos pela Tradição de fé da Igreja é algo muito especial. O contato com a sede e a sinceridade de tantos, de buscar compreender profundamente a razão da nossa Esperança tem renovado e reforçado também em mim a Caridade e a Fé. Sou muito grato a todo o grupo do ‘Teologia Viva’ por estes momentos tão únicos de poder experienciar o tempo de Ensino, de troca e busca. Que Deus continue abençoando e dando a todos Força e Luz!” (William Henrique da Silva).

“Já faz bastante tempo. Foi em 2011 que ouvimos falar desta proposta na Paróquia Santa Teresinha do Menino Jesus da Santa Face. Uma proposta da Arquidiocese de Belo Horizonte. Mesmo tendo uma visão embaçada do que era Teologia, eu e minha esposa resolvemos fazer o curso porque entendemos que seria interessante para a função que exercíamos na comunidade. Nossas expectativas se concretizaram. O Curso Teologia Viva nos trouxe uma nova maneira de lermos e sentirmos os textos bíblicos, em especial o Novo Testamento: ‘a nova aliança de Deus com a humanidade’. Compreendemos que evangelizar é querer que o Reino de Deus se torne um projeto global gerando uma sociedade justa, mais humana, mais solidária, menos preconceituosa, e que seja capaz de um humanismo social responsável. Evangelizar é espalhar a ideia do ‘homem novo’: novo no fundo de si mesmo, novo de ‘alma e coração’. Novo no modo de acolher o semelhante em sua integralidade. Novo, inclusive na fé em um Deus que é Vida. Percebemos ao longo do curso que tínhamos muitas bolas de Natal penduradas em nossa fé. Era necessário retirá-las. Não podemos ter apenas fé devocional, pois ela é infantil e bastante açucarada. A fé tem que ser madura o suficiente para refletir-se em obras e acolhimento dos mais necessitados. Teologia Viva despertou a vontade de seguir, para conhecer melhor, esse homem chamado ‘Jesus de Nazaré, o melhor de nós’ (título do livro de José Afonso Moura Nunes e outros). O curso nos deu confiança para que pudéssemos, na época, coordenar o trabalho desenvolvido pela Pastoral Familiar jun-

to à comunidade de Santa Teresinha. A todos os que se envolveram no projeto do curso deixamos aqui o nosso agradecimento” (Paulo Cesar e Daciene).

CONCLUSÃO

O percurso histórico e missionário apresentado neste artigo evidencia a urgência e a fecundidade de uma Igreja verdadeiramente “em saída”, como propôs o Papa Francisco, que se reinventa para responder aos desafios contemporâneos, especialmente no que tange ao protagonismo dos Leigos na missão evangelizadora. A experiência do CEFAP e, sobretudo, do Projeto Teologia Viva, demonstra como a ousadia, a coragem e a disponibilidade dos Leigos podem renovar a vida eclesial, tornando a Igreja mais próxima das realidades periféricas, sejam elas urbanas, rurais ou amazônicas. Como bem destacou o Documento 105 da CNBB, “os leigos são sujeitos eclesiais”, e a atuação dos missionários do “Teologia Viva” é uma expressão viva e concreta dessa verdade.

No entanto, o balanço crítico das atividades revela também limites e desafios persistentes. A morosidade da Igreja institucional em investir de modo sistemático, consistente e prioritário na formação dos Leigos é um dos principais entraves ao florescimento de uma Igreja sinodal e missionária. O clericalismo, ainda presente em muitos ambientes eclesiais, marginaliza o Laicato e restringe sua atuação. A escassez de recursos financeiros destinados à formação dos agentes Leigos, muitas vezes relegados à própria sorte ou dependentes da boa vontade de poucos, evidencia uma contradição entre o discurso oficial e a prática pastoral. É urgente que a Igreja, em todos os níveis, assuma a formação dos Leigos como investimento prioritário e estratégico, não apenas como gasto, mas como semeadura de futuro eclesial.

Diante dos testemunhos e dos frutos colhidos nas incursões missionárias do “Teologia Viva”, é possível afirmar que o Laicato brasileiro, quando devidamente formado, revela-se capaz de assumir com maturidade, criatividade e fidelidade a missão de evangelizar. A dedicação dos Leigos-monitores, sua resiliência diante das adversidades, e sua lealdade ao Evangelho e à Igreja são dignas de louvor e reconhecimento público. Eles são, de fato, “sal da terra e luz do mundo” (Mt 5,13-14), como nos recorda Jesus, e sua atuação é indispensável para uma Igreja que deseja ser sinal do Reino de Deus no mundo.

Olhando para o futuro, os desafios se multiplicam. A missão evangelizadora exige não apenas entusiasmo, mas também preparo teológico, sensibilidade intercultural e compromisso social. A experiência na Amazônia e no interior de Minas Gerais mostra que há vastos territórios ainda carentes de presença evangelizadora qualificada, e que a formação de lideranças locais é condição indispensável para a sustentabilidade da missão. A Igreja é chamada a investir em processos formativos contínuos, integrando teologia, espiritualidade, cultura e ação pastoral, como propõe o Sínodo da Amazônia (FRANCISCO, 2019). Além disso, é preciso criar estruturas de apoio, destinar recursos financeiros adequados e superar resistências internas, abrindo-se ao novo que o Espírito suscita por meio dos Leigos.

Por fim, a experiência do “Teologia Viva” é um sinal profético de que é possível sonhar e construir uma Igreja mais participativa, descentralizada, missionária e sinodal. Os Leigos, quando reconhecidos, formados e apoiados, tornam-se protagonistas de uma nova etapa evangelizadora, respondendo aos clamores do nosso tempo. Como sustenta Brighenti, o protagonismo dos Leigos não é uma concessão, mas uma exigência da própria missão da Igreja no mundo (BRIGHENTI, 2019). Que a coragem, a disponibilidade e a lealdade desses missionários inspirem toda a Igreja a renovar seu compromisso com a formação e com a missão, para que, de fato, sejamos uma “Igreja em saída”, fiel ao Evangelho e aberta aos desafios do mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

- BRIGHENTI, Agenor. O Laicato na Igreja e no mundo. Um gigante adormecido e domesticado. São Paulo: Paulinas, 2017.
- CASTILLO, José María. La Iglesia de los Laicos. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2006.
- CNBB. Documentos da Igreja sobre a Amazônia e a missão. Brasília: Edições CNBB, 1972.
- CNBB. Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na sociedade: Sal da terra e luz do mundo – Documento 105. Brasília: Edições CNBB, 2016.
- DELBREL, Madeleine. Os pobres e o Evangelho. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2008.
- DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Gaudium et Spes. São Paulo: Paulus, 1997.
- FRANCISCO. Evangelii Gaudium: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Cidade do Vaticano: LEV, 2013.
- FRANCISCO. Laudato Si’: Carta encíclica sobre o cuidado da casa comum. Cidade do Vaticano: LEV, 2015.
- FRANCISCO. Querida Amazônia: Exortação Apostólica Pós-Sinodal. Cidade do Vaticano: LEV, 2020.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. Teologia da Libertação: Perspectivas. 6.edição. São Paulo: Vozes, 2011.
- JOÃO PAULO II. Vocação e missão dos Leigos na Igreja e no mundo. Exortação apostólica Christifideles Laici. 16.edição. São Paulo: Paulinas, 2004.
- PANAZZOLO, Luiz. Missão e Profetismo no Brasil de Hoje. São Paulo: Paulus, 2004.
- PEREIRA, Maria Clara. O Clericalismo e seus efeitos no Laicato. São Paulo: Paulinas, 2019.
- SÍNODO DOS BISPOS. ASSEMBLEIA ESPECIAL PARA A REGIÃO PAN-AMAZÔNICA. Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral. Documento Final. Cidade do Vaticano: LEV, 2019.

Texto submetido em 30/07//2025 e aprovado em 31/10/2025

Luiz Eustáquio dos Santos Nogueira: Presbítero da Arquidiocese de Belo Horizonte, Mestre em Teologia pelo Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, docente da PUC-Minas, fundador e mistagogo do Mosteiro São José na Serra do Cipó (Casa de Retiros – Espaço católico ecumênico inter-religioso). **E-mail:** luizeck@yahoo.com.br; **Orcid:** 0009-0007-4455-4506

Endereço: Rua Penafiel 65 – Belo Horizonte – MG – 30310-420

Editor: Geraldo Luiz De Mori

Avaliador: Francisco das Chagas de Albuquerque